

VIII --- Novas Cristandades

A conversa com o P.^o Hollande tornara-se movimentada. Chega um dos «seus» Padres que deseja falar-lhe. Manda-o esperar e eu peço-lhe até que nos não interrompa, tão importante me pareceu a nossa discussão. Sim, porque discutimos muito, até eu me dar por vencido e... convencido.

— Mas esses Padres operários perguntamos, afinal foi para serem operários que se fizeram Padres? A mesma função não a poderia desempenhar um leigo? Eu compreendo até certo ponto, que para os conhecer, aprender a «sua» linguagem, a «sua» mentalidade proletária...

como Cristo e, pela graça de estado, transformar em cristão o ambiente pagão. Vão fazer exactamente o que fez o próprio Cristo, o que fez S. Paulo.

— Então ficam operários para toda a vida?

— Se tal for necessário ao serviço e à salvação da classe operária.

— E são conhecidos como Padres?

— Para o serem é que foram para lá.

— A intenção é diferente. Por já conhecerem a «mentalidade» operária, é que foram para a fábrica. Não vão lá aprender nada nem preparar-se para nada. Vão para dar testemunho de Cristo. Vão para viver pobres

(Continua na 4.^a página)

...em tem

(Continuação da 1.^a página)

— Mas vocês não têm medo de que o ambiente corrompido da fábrica, a promiscuidade no trabalho, o contacto directo com a miséria moral, as conversas indecorosas que são quase as suas únicas conversas façam mal ao sacerdote? «Quem ama o perigo nele perece», e vocês metem-nos mesmo na boca do lobo... Em lugar de os tirar das «ocasiões...»

— Meu amigo, nem todos servem, por não terem recebido educação para isso; mas as dúvidas que me põe, pode crer que são especulativas de mais. O Padre tem de ter uma boa tempera, vive, diariamente em Cristo. E a graça é omnipotente. Eles são o sal. Ora o sal, para que serviria se com medo de se corromper, se recusasse a salgar? Estamos perante um círculo vicioso. Para não se corromper, o sal não salga o que precisa de ser salgado. Temos de sair disto.

Aliás o espírito destes Padres é admirável. Ao sábado de tarde, pegam na tenda, no altar portátil e vão sós ou em grupos de dois, por vezes acompanhados de alguns militantes, passar o sábado e o domingo ao ar livre. E posso garantir-lhe que não é para tonificar os pulmões, mas a alma. São dois dias de retiro e de oração.

— Têm feito então muito bem?

— É ainda cedo de mais para tirar conclusões. Nós temos confiança. Uma coisa é certa. O medo do Padre desapareceu, onde ele está presente. Até, pelo contrário, têm sabido conquistar tamanha simpatia, que, em toda a parte, todos os operários os têm voluntária e livremente escolhido para chefes dos seus delegados.

— Mesmo os comunistas?

— Mesmo esses têm confiança neles. É admirável a simpatia de que os cercam, tratando-os até, por tu, por «camaradas»

Visitam-nos convidam-nos para as suas casas, arrastam-nos para os passeios e até para o cinema. E quando tem alguma dificuldade já não pensam noutro senão no «camarade curé».

— Mas isso é admirável!

— Mas não é o essencial. O essencial são os Padres de «quartier», de que já falamos.

— Não percebo...

— Os Padres de «quartier» são a base de tudo. O homem vive em sociedades. Não pode viver sem elas. A nação, a família, mas também o «quartier». Ora nós não temos tido conta desta realidade.

Primitivamente as paróquias correspondiam a esta vida «social», enquadravam-na. A paróquia era um «meio», uma comunidade. Os tempos foram evoluindo, sobretudo nas cidades, e ainda mais nas cidades industriais, e a paróquia começou a não ser o que era. Desnaturalizou-se, artificializou-se. Hoje cada paróquia é um conjunto, por vezes enorme, de comunidades que se formaram no seu seio: proletárias, burguesas, patronais, comerciais, eu sei lá. E não se teve conta disto. Quis manter-se uma comunidade que passou a ser fictícia, sem estar assente em nenhuma realidade. A Paróquia deixou de estar adaptada à vida.

— Mas então teríamos de desdobrar as paróquias, em paróquias operárias...

— Precisamente, onde isso é possível ou então fazer da paróquia uma espécie de «federação» de comunidades, cada uma vivendo adaptada à cultura do seu meio. O que hoje se faz, meu caro amigo, é pescar à linha, um e outro indivíduo que arrancamos ao seu meio, e quem damos uma cultura diferente. Dali a pouco, se tem coragem para ficar, deixa de pertencer ao seu meio, ao ambiente de onde veio, perdendo, por isso mesmo, toda a influência na

senraizamos mais um. Mas o meio não o penetramos nem o transformamos. Como sabe, a influência do meio é decisiva. E tão decisiva que os mesmos, pescados à linha, sentindo-se mal, voltam ao «seu» meio. Mas como ele é pagão, lá se vai tudo pela água abaixo. Porque é que tantos jocositas se perdem para o Movimento? Porque fazemos deles «chics-types». O problema da conquista operária, dos meios operários só se fará no dia em que nos deixarmos de pescar à linha, e nós decidirmos, à semelhança dos missionários, a fundar cristandades «indígenas», adaptadas ao meio, criando militantes à sua imagem e semelhança que aumentem a influência no seu ambiente, e não a nossa imagem e semelhança. Temos de conquistar em massa, para cristianizar o meio.

— A dificuldade está nisso mesmo

— Pois sim. Mas a solução também. O único caminho aceitável são as «missões». Métodos missionários, cristandades ou comunidades cristãs «indígenas», com clero «indígena», ou adaptado: Padres operários, Padres-povo, e não Padres encardernados, aburguesados que vão falar aos operários, mas não são um deles. Cristo, para salvar os homens, fez-se homem, um de nós, nosso irmão, carregou com todas as nossas misérias...

Enquanto o P.^o Hollande, entusiasmado, nos explicava o espírito missionário, acenderamos um cigarro. Neste preciso momento, em que falava de Cristo, deitamos a cinza no cinzeiro.

— Não! — interrompe fazendo o gesto adequado — não é para o cinzeiro, é para o chão! Como eles!

— Mas... — reagimos — isso não é educá-los.

— Se acha que não, nunca poderá... Padre...

ções a transformar-se. Porque
queremos fazer tudo em pouco

tempo, não fazemos nada. O grande escândalo do nosso século não é que a Igreja tenha perdido os operários. O grande escândalo é que tenha perdido a classe operária. E esta só se conquistará em massa, quando, semelhantes a eles, lhes formos pregar o evangelho, cara a cara, abertamente, directamente, sem artificios, nem «preparações».

— Mas não acha que, para conquistar a classe operária, será preciso, primeiro, fazer acção social?

— A Acção social é um dever de Justiça, a que não podemos exibir-nos. Deve ter um fim em si: Justiça social. Não devemos fazer dela um meio. Isso seria enganar a classe operária. Esta, aliás, está tão sedenta de Cristo, que está pronta a receber o Evangelho directamente, com lealdade, sem meias medidas, nem diplomacias. A classe operária compreende Cristo, quando lho apresentam lealmente. Primeiro, portanto, Acção evangelizadora. A acção social é um dever de justiça. Cumpra-se esse dever por ele mesmo, mas não se viva dele, para depois, por portas travessas, lhes levar o que elles podem directamente.

A conversa continuava agitada, movimentada. O P.^o Holande já estava cansado, de responder a tantas objecções. Era preciso terminar, mas ainda faltavam algumas perguntas.

Fizemo-las, e delas daremos contas amanhã, aos nossos leitores.

ABEL VARZIM